

Você está aqui

Bernardo José de Souza

Deambulando pelas ruas de uma grande cidade, atento aos mínimos sinais emanados pelo espaço urbano, o artista mentalmente toma notas da arquitetura, da paisagem natural e do som ao seu redor. Talvez nunca retorne àquele mesmo *cul de sac* onde o frio, a sede e sono o obrigaram a sentar-se num café para aplacar a angústia de estar à deriva.

Bem poderia estar em Porto Alegre, Belo Horizonte ou Nova Iorque, a sensação de abandono seria a mesma. Abriu o mapa que carregava no bolso e tentou identificar as vielas por onde havia caminhado a esmo, sem destino pré-estabelecido, buscando não apenas um *way out* mas sobretudo experiências dignas de anotar ao pé da página, de recordar dali a alguns anos.

A obra de Daniel Escobar é resultado da trajetória cosmopolita de um artista que busca compreender o espaço tridimensional por onde circula; estranhamento e familiaridade são sentimentos com os quais convive e dos quais extrai sentido, poesia, beleza.

Neste sentido, cosmopolitismo parece ser a chave de ingresso no mundo das cartografias de Escobar, cujos mapas por vezes indecifráveis servem apenas como pistas para que o “cidadão do mundo”, como queriam o Estoicos, possa transitar livremente pelas ruas e monumentos embaralhados no tecido urbano. Os guias turísticos, portanto, são belos exemplares da sonhada hospitalidade que só faz reforçar a diferença, muito embora estabeleçam um padrão de comunicação universal, passível de ser decodificado por qualquer turista, seja qual for sua nacionalidade.

Você está aqui, primeira exposição individual de Escobar após seu retorno ao Rio Grande do Sul, trata menos de Porto Alegre do que do sentimento de estar no mundo, aqui compreendido em toda a sua dimensão planetária. Para o artista, pouco importa a geografia, mas justamente aquilo que se repete e torna a experiência urbana algo comum em qualquer parte do globo. Ao descaracterizar um *outdoor*, por exemplo, ele não somente recusa todo o sistema de sinalização capitalista nas grandes cidades como também estabelece camadas de sentido cujo

novo vocabulário permite uma comunicação universal.

Um certo sentimento de onipresença parece imergir da obra de Escobar, quer seja no mapa do miolo de Porto Alegre que tem suas bordas emaranhadas e parece nos impedir da fuga, mas que na verdade bem poderia se tratar de qualquer outra cartografia no contexto da exposição, tão-somente reforçando a ideia de que estamos aqui e em qualquer outra parte do mundo ao mesmo tempo. De maneira análoga, a justaposição de mapas dos centros turísticos das grandes capitais faz da paisagem global um terreno comum, absolutamente desprovido de fronteiras. Seu cosmopolitismo vai além da globalização, pois reconhece a alteridade ao passo em que reforça um sentimento de universalidade.